

## Guia Bibliográfico

Em virtude das características deste livro, o autor decidiu prescindir das notas de rodapé e de outros modos de referência habituais nos textos destinados ao universo académico. Só ficaram no texto referências a algumas obras, que constituem, também, fontes deste estudo.

Todavia, como toda e qualquer obra, também esta é devedora, de modos mais próximos ou mais distantes, de muitas outras, sem as quais a sua produção não teria sido possível. Faço agora referência às principais, não apenas para registar devidamente essas dívidas intelectuais, mas porque essas indicações constituirão também, eventualmente, um guia para quem queira aprofundar a sua reflexão sobre temas aqui tratados.

Devo começar por referir que recorri, em tudo o que rodeia a **componente histórica deste ensaio**, às seguintes histórias gerais do País:

*A História de Portugal*, dir. por José Mattoso (Lisboa, Editorial Estampa, 1992-1993); *Nova História de Portugal*, dir. por Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques (Lisboa, Presença, 1990-); *História de Portugal*, coordenada por Rui Ramos e de que são autores Bernardo Vasconcelos e Sousa, Nuno Monteiro e Rui Ramos (Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009); e *A History of Portugal and the Portuguese Empire*, 2 vols., de A.R. Disney (Cambridge, Cambridge University Press, 2009). Foram também utilizados vários artigos do *Dicionário de História de Portugal*, coordenado, nos volumes de I a VI, por Joel Serrão, e, nos volumes de VII a IX, por António Barreto e Maria Filomena Mónica (Lisboa e Porto, Livraria Figueirinhas, 1999).

A colectânea pioneira, da responsabilidade de Diogo Ramada Curto e Francisco Bettencourt, *A Memória da Nação* (Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1991), constitui uma obra de referência para os **estudos de história cultural sobre narrativas, práticas comemorativas e rituais da identidade nacional no período anterior aos dois últimos séculos** (distingo, entre os seus capítulos, os que se devem aos editores e a Ana Isabel Buescu, Luís F. Reis Tomás e Jorge Alves, Maria Leonor Carvalhão Buescu, José Francisco Marques e Bernardo Vasconcelos e Sousa). E, finalmente, quero mencionar um livro que foi fundamental para me despertar o interesse para a temática da

identidade nacional: o de Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português* (Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978).

Para além destas referências em que me apoiei de um modo genérico e cujos dados fui incorporando ao longo do tempo nas minhas próprias interpretações, utilizei de modo explícito, neste ensaio, os textos que menciono em seguida.

O primeiro capítulo – **Identidade Nacional, identidade individual e história** – resume a minha reflexão sobre esses problemas e apoia-se em algumas das obras mais influentes sobre a teoria e a história do nacionalismo e das identidades nacionais, embora deva assinalar que discordo de muitas dessas interpretações e que não acredito na existência de uma explicação única para algo tão diverso, historicamente, como a génese das nações e dos nacionalismos.

Refiro, em primeiro lugar, **clássicos** como as obras de: Hans Kohn, *The Idea of Nationalism: a Study in its Origins and Background* (Nova Iorque, The Macmillan Company, 1944); Frederick Hertz, *Nationalism in History and Politics: A Psychology and Sociology of National Sentiment and Nationalism* (Londres, Routledge & Kegan Paul, 1966 [1ª ed., 1944]). Depois, **obras mais recentes**, muitas das quais já editadas em Portugal, e são, neste caso, essas as edições que indico: Eric Hobsbawm, *A Questão do Nacionalismo. Nações e Nacionalismo desde 1780* (Lisboa, Terramar, 1998); Ernest Gellner, *Nações e Nacionalismo* (Lisboa, Gradiva, 1983); Benedict Anderson, *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Expansão do Nacionalismo* (Lisboa, Edições 70, 2005); Anthony D. Smith, *A Identidade Nacional* (Lisboa, Gradiva, 1997); Josep R. Llobera, *O Deus da Modernidade: o Desenvolvimento do Nacionalismo na Europa Ocidental* (Oeiras, Celta, 2000). A obra de Adrian Hastings *The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism* (Cambridge, Cambridge University Press, 1997) inspirou directamente as distinções que faço, neste contexto, entre **diferentes tipos de nacionalismo, bem como as caracterizações de grupo étnico e de nação**. Embora não tenha colhido aí inspiração a ideia da “**identidade nacional**” como **relação social de consciência colectiva**, esta encontra-se no livro de Steve Grosby, *Nationalism: A Very Short Introduction*” (Oxford, Oxford University Press, 2005). A ideia da **relação entre identidade individual e nacional** é devedora da obra de Stephen

Reicher e Nick Hopkins, *Self and Nation* (Londres, Sage, 2001).

O leitor que quiser conhecer a minha posição sobre algumas destas **teorias à luz do estudo do caso português**, bem como bibliografia histórica suplementar sobre os conteúdos deste texto, pode consultar: José Manuel Sobral, “A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português”, *Análise Social*, vol. XXXVII (165), 2003, pp. 1093-1126.

Não tenho muitas recomendações específicas para o segundo capítulo - **Lusitanos e portugueses: reivindicações e polémicas em torno da antiguidade da nação** - pois assenta num conjunto de informações amplo e difícil de sintetizar. Para além de informação retirada da bibliografia já referida genericamente, devem consultar-se as obras mencionadas no texto de Damião Peres, *Como Nasceu Portugal* (Porto, Portucalense Editora, 1970 – 7.<sup>a</sup> ed.), bem como as **obras citadas** *História de Portugal desde o Começo da Monarquia até ao Fim do Reinado de Afonso III*, de Alexandre Herculano (Lisboa, Editorial Bertrand, 2007 [1846-1853]), e a de J.P. de Oliveira Martins, *História de Portugal* (Lisboa, António Maria Pereira, 1927 [1879]). A importância do “pensamento genealógico” como forma de cognição é enfatizada por Eviatar Zerubavel, *Ancestors & Relatives* (Oxford, OUP, 2012).

O terceiro capítulo – **A construção do Estado e a génese da nação** - tem como suporte informação muito variada, como a que consta dos textos seguintes: de Jean-Pierre Leguay, A.H. de Oliveira Marques e Maria Ângela Beirante no vol. II da *Nova História de Portugal*, dirigida por Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, *Portugal: das Invasões Germânicas à “Reconquista”*; de A.H. de Oliveira Marques, Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Carvalho Homem no vol. III da mesma obra, *Portugal em Definição de Fronteiras*, e de A.H. de Oliveira Marques no vol. IV, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Também angaria informações vertidas em Adeline Roucquoi, *História Medieval da Península Ibérica* (Lisboa, Editorial Estampa, 1995) e, no que respeita aos **aspectos linguísticos**, em: Ivo José de Castro, *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo* (Lisboa, Edições Colibri, 2004); Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984). Colhi as referências à *Crónica de 1419* em: *Crónica de Portugal de 1419*, ed. crítica de Adelino Almeida

Calado (Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998); Filipe Alves Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419: Fontes, Estratégias e Posteridade* (dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade do Porto); “Introdução” de Luís Filipe Lindley Cintra à sua edição crítica da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1984). Também beneficieei da leitura do texto deste último, “A lenda de D. Afonso I, Rei de Portugal”, *Revista ICALP*, vols. 16 e 17, Junho-Setembro de 1989, pp. 64-78, e dos ensaios de Luís Krus, “Historiografia Medieval (excerto)”, “A Crónica Geral de Espanha de 1344” e “Crónica (excerto)”, inseridos em Isabel Allegro de Magalhães (coord. científica), *História e Antologia da Literatura Portuguesa, Séculos XIII-XIV* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997). O exame das relações entre o Reino emergente de Portugal e a Galiza beneficiou do contributo da *Historia de Galicia*, de Ramón Villares (Vigo, Editorial Galaxia, 2004).

Por tratarem especificamente da questão da **formação da consciência ou identidade nacional**, destaco, em particular, as dívidas maiores que tenho em relação às seguintes obras: de Orlando Ribeiro, “Formação de Portugal” (*in* Joel Serrão, coord., *Dicionário de História de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., vol. 5, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d, pp. 130-149); de José Mattoso, *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal*, 2 vols. (Lisboa, Editorial Estampa, 1985); de José Mattoso, Suzanne Daveau e Duarte Belo, *Portugal. O Sabor da Terra* (Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2010 [1998]); de Martim de Albuquerque, *A Consciência Nacional Portuguesa* (Lisboa, Edição do Autor, 1974). A minha descrição do **processo de construção da identidade até ao século XVI**, em particular no que respeita às dimensões simbólico-ideológicas, e algumas referências a detalhes relativos à consciência de nação no período medieval e nos inícios da época moderna e a estereótipos nacionais e insultos, por exemplo, devem muito a contributos específicos dos textos de Mattoso e Albuquerque. Também quero referir a contribuição da leitura de Vitorino Magalhães Godinho, *Portugal: a Emergência de uma Nação* (Lisboa, Colibri, 2004). Retirei as referências às **primeiras descrições de Portugal** de: Aires A. Nascimento, *Livro de Arautos* (Lisboa, 1977); Luís Picoito, “Centro e Periferia: a Percepção das Regiões no Estado Medieval Português (1245-1416)” (*in* *Penélope*, n.º 26, 2002, pp. 7-29). Também se encontra informação sintetizada de interesse para este capítulo em Vasco Pulido Valente, “Identidade

Nacional e Território” (in A. Barreto e M. F. Mónica (ed.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. VIII, Suplemento F/O, Lisboa e Porto, Livraria Figueirinhas, 1999, pp. 212-220).

A concepção que aqui se desenvolve da **génese da identidade relacionada com a existência de fronteiras** é, em larga medida, inspirada pela concepção da formação dos grupos étnicos de Fredrick Barth, na Introdução à obra que editou, *Ethnic Groups and Boundaries* (Long Grove, IL, Waveland Press, 1988 [1969]), enquanto a distinção entre **identidade nominal e identidade virtual** se deve a Richard Jenkins, *Social Identity* (Nova Iorque, Routledge, 2008). Há uma bibliografia abundantíssima que explora as temáticas do **“patriotismo”** e do **“nacionalismo”**; encontra-se uma discussão sucinta da teorização e polémica que se lhes reporta em Georgios Varouxaquis, “Patriotism”, in Athena s. Leoussi (ed.), *Encyclopaedia of Nationalism* (New Brunswick (EUA) e Londres, 2001, pp. 239-242). Beneficiei ainda, para a abordagem desta problemática e do papel das ideias de **“pátria”** e **“nação”** da leitura do clássico de Johan Huizinga, “Patriotism and Nationalism in European History” (1940), republicado na sua obra *Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance* (Princeton, Princeton University Press, 1959). Devo citar também, a este respeito, Bede Jarret, O.P., *Social Theories of the Middle Ages* (Londres, Frank Cass, 1968), e ainda o curto ensaio mais recente sobre o termo **nação**, “‘Nation’: A Survey of the Term in European Languages”, de Miroslav Hroch e Jitka Maleckova in Athena s. Leoussi (ed.), *Encyclopaedia of Nationalism* (New Brunswick (EUA) e Londres, 2001, pp. 203-208); Mateo Ballester Rodríguez, *La Identidad Española en la Edad Moderna (1566-1665). Discursos, Símbolos y Mitos* (Madrid, Editorial Tecnos, 2010); Fernando Catroga, “Pátria, nação e nacionalismo”, in José Manuel Sobral e Jorge Vala (orgs.), *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2010, pp. 33-65). As reflexões sobre a **bandeira** foram-me inspiradas pelo ensaio de Gabriella Elgenius, “The Origin of European National Flags”, inserido na obra editada por Thomas H. Eriksen e Richard Jenkins, *Flag, Nation and Symbolism in Europe and America* (Nova Iorque, Routledge, 2007, pp. 14-30). A importância do **“Outro Significante” na construção das identidades** encontra-se em trabalhos de Anna Tryandafyllidou, como “Nations, Migrants and Transnational Identifications: An

Interactive Approach to Nationalism”, in Gerard Delanty e Krishan Kumar (eds.), *The Sage Handbook of Nations and Nationalism* (Sage, Londres, 2006, pp. 285-294). As ideias relativas à **sacralização da morte pela pátria**, estudadas com referência ao caso português por Martim de Albuquerque, têm a sua origem no clássico de Ernest Kantorowicz, *Mourir pour la Patrie* (Paris, PUF, 1984). Retirei do livro de Steve Grosby, *Nationalism...*, já citado, a concepção, que se encontra no capítulo III, da **nação como “comunidade territorial da natividade”**.

Acrescento também às anteriores a seguinte **obra citada** no texto: Fernão Lopes, *Crónica DelRey Dom Joam I* (Lisboa, António Alvares, Impressor d’ ElRey N.S., 1644).

O capítulo IV - **Identidades e narrativas nos tempos do império** - apoia-se especificamente nos textos seguintes, além dos de carácter geral mencionados de início: os de Martim Albuquerque e de Vitorino Magalhães Godinho, já citados, e também, deste último, “1580 e a Restauração”, in *Ensaio II sobre História de Portugal* (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1968); o de Charles Ralph Boxer, *O Império Colonial Português* (Lisboa, Edições 70, 1977); o de Luís Reis Torgal, *Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração*, vols. I e II (Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981); o de Hernâni Cidade, *A Literatura Autonomista sob os Filipas* (Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1948); os de João Francisco Marques, *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010) e *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668* (Porto, INIC, 1989); o de António de Oliveira, *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)* (Lisboa, Difel, 1990); o artigo de Stuart B. Schwartz, “Prata, açúcar e escravos: de como o império restaurou Portugal”, in *Tempo*, vol. 12, nº 24, 2008, pp. 201-223. O clássico de João Lúcio de Azevedo *A Evolução do Sebastianismo* (Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1948 [1917]) continua a ser útil para o estudo do **messianismo em Portugal**. As referências a **Clenardo** encontram-se em Manuel Gonçalves Cerejeira, *Clenardo e a Sociedade Portuguesa do seu Tempo* (Coimbra, Coimbra Editora, 1949). As referências à moeda “**o português**” surgem em *La Monnaie au Portugal: Brève Histoire* (Lisboa, Banco de Portugal, 1971), e à **imaginação geográfica do país** em Suzanne Daveau, “As Geografias de Portugal”, in *Inforgo*, 4 de Junho 1992, pp. 9-16. Também me foi útil a “Introdução” de Raul

Miguel Rosado Fernandes à obra de André de Resende, *As Antiguidades da Lusitânia* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996).

Em termos gerais, existe uma **perspectiva comparada**, para este período (e outros), em Hagen Schulze, *States, Nations and Nationalism* (Oxford, Blackwell, 1996). Também beneficieei da comparação com uma perspectiva afim à minha do **quadro espanhol na época moderna**, exposta em Mateo Ballester Rodríguez, *La Identidad Española en la Edad Moderna*, op. cit., onde se encontra igualmente uma discussão relevante das noções de “pátria” e “nação” nessa época, assinalando-se a sua afinidade com as contemporâneas.

Os estudos de Peter Hoppenbrouwers, “Medieval peoples imagined” e de Joep Leerssen, “The poetics and anthropology of national character (1500-2000)”, inseridos em Manfred Beller e Joep Lerssen (eds.), *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters* (Amesterdão e Nova Iorque, Rodopi, 2007), de Julio Caro Baroja, *El Mito del Carácter Nacional* (Madrid, Caro Raggio, 2004), de Hertz, op. cit., ajudaram a situar comparativamente a **construção de imagens e representações do chamado “carácter nacional” em Portugal**, tema sobre o qual se encontra informação na obra acima mencionada de Albuquerque.

Acrescento às anteriores as seguintes **obras citadas no texto**: Luís F. Lindley Cintra, (ed.), *Crónica Geral de Espanha* (Lisboa, Imp. Nacional-Casa da Moeda, 1984); João de Barros, *Década I*, in *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente* (Lisboa, na Régia Officina Typografica, 1778); Frei Amador Arrais (Sel., pref. e notas de Fidelino de Figueiredo), *Diálogos* (Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1944); Fernando de Oliveira, “História de Portugal” inserida em José Eduardo Franco, *O Mito de Portugal* (Lisboa, Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque D’Orey/Roma Editora, 2000); Frei Bernardo de Brito (ed, de A. Silva Rego et al.), *Monarquia Lusitana I* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004); J.A. Osório Mateus et. al. (eds.), *Obras de Anrique da Mota* (Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999); António Ferreira (Pref. e notas de Prof. Marques Braga), *Poemas Lusitanos* (Lisboa, Livraria Sá da Costa editora, 1940); Fernando de Oliveira, *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (Em Lisboa, casa de

Germão Galhardo, 1536); João de Barros, *Grammatica da Lingua Portuguesa* (Olyssipone, apud Lodouicum Rotorigiu(m), Typographum, 1540); Duarte Nunes de Leão, *Origem da Lingoa Portuguesa* (Lisboa, Impresso por Pedro Crasbeeck, 1606); Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal* (Lisboa, Impresso por Jorge Rodrigues, 1610); António de Sousa de Macedo, *Flores de Espanha, Excelencias de Portugal* (Lisboa, Livraria Alcalá, 2003); António Vieira (pref. e notas de A. Sérgio e H. Cidade), *História do Futuro* (Lisboa, Sá da Costa Editora, 2008). Luís de Camões (leit, pref. e notas de A. J. da Costa Pimpão, apres. de A. Pinto de Castro), *Os Lusíadas* (Lisboa, Instituto Camões, 2000).

O capítulo V – **Ubiquidade do Nacionalismo e “Nacionalização das Massas”:** **Portugal nos Últimos Três Séculos** – deve bastante a **histórias gerais do nacionalismo**, como os clássicos de Carlton J.H. Hayes, *The Historical Evolution of Modern Nationalism* (Nova Iorque, The Macmillan Company, 1963 [1931]) e *A Generation of Materialism. 1871-1900* (Nova Iorque, Harper and Brothers, 1941), e, de Georg L. Mosse, *The Nationalization of the Masses: Political Symbolism and Mass Movements in Germany from the Napoleonic Wars through the Third Reich* (Nova Iorque: Howard Fertig, 1975). O mesmo se diga das obras de Guy Hermet, *Histoire des Nations et du Nationalisme en Europe* (Paris, Éditions du Seuil, 1996), e Georges Lichtheim, *Europe in the Twentieth Century* (Nova Iorque, Praeger Publishers, 1972). Entre as **obras portuguesas em que me apoiei**, destaco: Marcello Caetano, *Manual de Ciência Política e Direito Constitucional* (Lisboa, Coimbra Editora, 1963); António José Saraiva e Óscar Lopes, *Literatura Portuguesa*, 2 vols. [série *História Ilustrada das Grandes Literaturas* (Lisboa, Estúdios Cor, 1966-1973)]; José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal* (Lisboa, Livros Horizonte, 1974), *A Arte em Portugal no Século XIX* (Lisboa, Bertrand, 1981) e *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)* (Lisboa, Bertrand, 1981); José Acúrcio das Neves, *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*, ts. I a V (Porto, Edições Afrontamento, 2.<sup>a</sup> ed., s.d. [1.<sup>a</sup> ed., 1810/1811]); Vasco Pulido Valente, “O Povo em Armas: a revolta nacional de 1808-1809”, *Análise Social*, vol. XV (57), 1979, pp. 7-48; José Manuel Sobral, prefácio a Padre Casimiro, *Apontamentos para a História da Revolução do Minho ou da Maria da Fonte* (Lisboa, Edições Rolim, 1987); Maria



Alexandre Lousada, “Nacionalismo e Contra-Revolução em Portugal: o episódio miguelista (1823-1834)”, *Luzo-Brazilian Review*, vol. 29, n.º 1, 1992, pp. 63-70; Jaime Reis, ‘A “Lei da Fome”: as origens do proteccionismo cerealífero’, *Análise Social*, vol. XV (60), 1979, pp. 745-793; Pedro Lains, “O Proteccionismo em Portugal (1842-1913): um caso mal sucedido de industrialização ‘concorrencial’”, *Análise Social*, vol. XXIII (97), 1987, pp. 481-503; Rui Ramos, *A Segunda Fundação (1890-1926)*, vol. VI da *História de Portugal*, dir. de José Mattoso (Lisboa, Círculo de Leitores, 1994); Luís Reis Torgal, *História e Ideologia* (Coimbra, Edições Minerva, 1989); Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX)*, 2 vols., e muito particularmente os contributos do último destes historiadores (Lisboa, Temas e Debates, 1998); Sérgio Campos Matos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do Século XIX (1846-1898)* (Lisboa, Edições Colibri, 1998) e *Consciência Histórica e Nacionalismo – Portugal, séculos XIX e XX* (Lisboa, Livros Horizonte, 2008); Joel Serrão, “Decadência”, (in Joel Serrão, coord., *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, s.d., 2.ª ed. pp. 270-274); Luís Cunha, *A Nação nas Malhas da sua Identidade* (Porto, Afrontamento, 2001); João Leal, *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, (Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000); Manuel Braga da Cruz, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo* (Lisboa, Presença, 1980); António Costa Pinto, “Integralismo Lusitano”, (in A. Barreto e M. F. Mónica, coord., *Dicionário de História de Portugal*, vol. VIII, Suplemento F/O, Lisboa e Porto, Livraria Figueirinhas, 1999, pp. 280-281); António Barreto, “Salazar” (in A. Barreto e M. F. Mónica, coord., *Dicionário de História de Portugal*, vol. IX, Suplemento P/Z, Lisboa e Porto, Livraria Figueirinhas, 2000, pp. 283-390); Daniel Melo, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2001); José Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal – Política, Cultura e História no Século XX* (Lisboa, Tinta-da-China, 2008); Luís Trindade, *O Estranho Caso do Nacionalismo Português* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008); Patrícia Ferraz de Matos, *As Cores do Império: Representações Raciais no Império Colonial Português* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006); Susana Chalante refere-se aos judeus em “O discurso do Estado salazarista perante o ‘indesejável’ (1933-39)”, *Análise Social*, vol. XLVI (198), 2011, pp. 41-63. Há diversos

contributos para o conhecimento de tópicos deste capítulo e do seguinte em: Maria de Fátima Amante (Ed.), *Identidade Nacional: entre o Discurso e a Prática* (Porto, Fronteira do Caos e CEPES, 2011) e André Barata, António dos Santos Pereira e José Rodrigues Carvalheiro, (Eds.), *Representações da Portugalidade* (Lisboa, Caminho, 2012). O sociólogo americano a que me reporto quando falo de “religião civil” é Robert N. Bellah, “Civil Religion in America”, *Daedalus*, 1967, vol. 96, nº 1, pp. 1-21.

Alguma da minha investigação anterior serviu também de base a este capítulo e nela também encontra o leitor referência a outras obras em que me apoiei. Além da já citada, “O Norte, o Sul, a raça, a nação – representações da identidade nacional portuguesa (séculos XIX-XX)”, *Análise Social*, vol. XXXIX (171), 2004, 255-284; “O Outro aqui tão próximo: Jorge Dias e a redescoberta de Portugal pela antropologia portuguesa (anos 70-80 do século XX)”, *Revista de História das Ideias*, vol. 28 (2007), pp. 479-526; “Representações Portuguesas e Brasileiras da Identidade Nacional Portuguesa no Século XX”, *Revista de Ciências Sociais* (Universidade Federal do Ceará-UFC), vol. 41, nº 2, 2010, 125-139; “Cozinha, Nacionalismo e Cosmopolitismo em Portugal (séculos XIX-XX)”, in M. V. Cabral, K. Wall, S. Aboim e F. Carreira da Silva (orgs.), *Itinerários: A Investigação nos 25 anos do ICS* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008, pp. 99-123).

Acrescento às anteriores as seguintes **obras citadas** no texto: Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* (Lisboa, Tinta da China, 2008); Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo* (Lisboa, Assírio & Alvim, 1988); Eça de Queiroz (Org. e notas de A. Campos Matos), *Correspondência*, vol. I (Lisboa, Editorial Caminho, 2008); Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala* (São Paulo, Global Editora, 2005, 50ª ed.); Jorge Dias, *Ensaios Etnológicos* (Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961); Alves Redol, *Glória, uma Aldeia do Ribatejo* (Edição do Autor, 1938); Maria Lamas, *As Mulheres do Meu País* (Lisboa, Caminho, 2002); José Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, vols. II e III, (Lisboa, Imprensa Nacional, 1936, 1942); Orlando Ribeiro, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1967, 3ª ed.); Miguel Torga, *Portugal* (Coimbra, edição do autor, 1950, 1ª ed., 1993, 6ª); Jaime Cortesão, *Portugal, a Terra e o Homem* (Lisboa, Artis, 1966); José Saramago, *Viagem a Portugal* (Lisboa, Editorial Caminho, 2011); Fernando Pessoa,

*Mensagem* (Lisboa, Edições Ática, 1972).

O sexto e último capítulo – **Aspectos da Identidade Nacional no Presente** – parte de perspectivas abertas por autores como Michael Billig, *Banal Nationalism* (Londres, Sage, 1995), Tim Edensor, *National Identity, Popular Culture and Everyday Life* (Berg, Oxford & New York, 2002) e Richard Jenkins, *Being Danish: Paradoxes of Identity in Everyday Life* (Copenhaga, Museum Tusulanum Press, 2011) – do primeiro e do segundo, retive a importância dada à **dimensão quotidiana do nacionalismo e da identidade nacional**; do último, aproveitei elementos para uma síntese final sobre a **identidade nacional**. A ideia de que as **identidades nacionais também se reproduzem pelo conflito** é desenvolvida por John Hutchinson, em *Nations as Zones of Conflict* (Londres, Sage, 2005). Os autores a que me reporto, quando falo nos **hábitos nacionais**, são: no caso do Japão, Ruth Benedict, *O Crisântemo e a Espada* (1946) (trad. brasileira, S. Paulo, Editora Perspectiva, 1972); no caso dos alemães, Norbert Elias (1996 [1989]), *The Germans*, (Cambridge, Polity Press, 1996); no caso dos dinamarqueses, o acima referido Jenkins.

Encontram-se **críticas à noção de “carácter nacional”** na obras, já citadas, de Hoppenbrouwers, Leerssen, Caro Baroja e Hertz. Os dados referidos sobre a **identidade nacional no presente**, bem como os gráficos, foram retirados do meu ensaio “Dimensões étnicas e cívicas e processos de glorificação do passado em representações da identidade nacional portuguesa numa perspectiva comparada”, in José Manuel Sobral e Jorge Vala (orgs.) *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2010), obra baseada nas respostas ao ISSP – *International Social Survey Program, National Identity II* (2003), que possui muitos outros capítulos de interesse para o estudo desta problemática. O outro Inquérito citado é o *European Values Study* (2008) sintetizado em Loek Halman *et al.*, *Atlas of European Values* (Leiden, Brill, 2012). As considerações sobre as **atitudes mais recentes face aos imigrantes em Portugal e ao racismo** apoiam-se especificamente nos Inquéritos anteriores e em análises de Jorge Vala e Cícero Roberto Pereira (no prelo), “Racism: an evolving virus”, onde se examinam dados do *European Social Survey* (de 2002 a 2008). Também consultei a obra de Tiago Santos *et al.*, *Research Survey on Migrants’ Experiences of Racism and Discrimination in Portugal* (Porto Salvo, Númena, 2009), e

o Relatório do Projecto, apoiado pela FCT, *Relações Inter-Étnicas: Portugueses, Ciganos-Portugueses e Imigrantes dos PALOP*, dirigido por Manuel Carlos Silva. Colhi informações sobre as **Academias de Bacalhau** em Carlos Consiglieri & Marília Abel, *O Bacalhau na Vida e na Cultura dos Portugueses*. (Lisboa: Academia do Bacalhau de Lisboa, 1998). Finalmente, aspectos relativos a diversas **práticas envolvidas na construção de um quotidiano e de uma memória nacional** aqui focados, bem como indicações bibliográficas de que me servi, encontram-se em José Manuel Sobral, “Memória e Identidade Nacional: Considerações de Carácter Geral e o Caso Português”, in Manuel Carlos Silva (org.) *Nação e Estado: Entre o Local e o Global* (Porto, Edições Afrontamento, 2006). Assinalo, entretanto, a influência da leitura da obra de Michael Young, *The Metronomic Society: Natural Rythms and Human Timetables* (Londres, Thames and Hudson, 1988) nas minhas ideias sobre a **importância da sincronização da vida social das colectividades** a que aqui aludo. E a de Yi-Fu Tuan, *Space and Place: The Perspective of Experience* (Minneapolis e Londres, The University of Minnesota Press, 1977), para a **revalorização da dimensão cognitiva e emocional do território nacional**.